

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Andressa Pufal

andressap@jornaldocomercio.com.br

Surrealismo: movimento artístico vanguardista nascido na França da década de 1920, fortemente influenciado pelo mundo onírico do inconsciente. Mas, como estamos no Brasil da década de 2020, talvez o termo certo seja outro: Sul-realismo. Mesma fonética, mesmo conceito, contextos completamente diferentes. A ideia é da pesquisadora, violinista e compositora Clarissa Ferreira, que busca, neste projeto e em toda a sua trajetória artística, repensar as tradições, os discursos e tudo o que compõe o Rio Grande do Sul real.

Assim nasceu o espetáculo Sul-realismo, que sobe ao palco do Teatro de Câmara Túlio Piva (Rua da República, 575), neste fim de semana, entrelaçando música, tecnologia visual, moda autoral e artistas de diversas expressões. Como uma tela onde se cruzam tradição e invenção, a obra parte de uma pergunta que Clarissa carrega: “como criar artisticamente a partir do Sul sem apenas repetir as imagens que historicamente foram construídas sobre ele?”. Para tentar respondê-la, o show terá três datas, com convidados especiais em cada um dos dias: acontece na sexta-feira e sábado, às 20h, e domingo, às 18h. Os ingressos estão disponíveis no Sympla, por valores a partir de R\$ 30,00.

Acompanhada dos músicos Ana Matielo (voz e violão), Lucas Ramos (percussão), Maryanne Francescon (acordeom) e Zélito Ramos (guitarra semi-acústica e contrabaixo), Clarissa constrói um show que costura os ritmos de fronteira em uma trama sul-americana expansiva. O repertório entrelaça milongas, chacareras, candombes, maracatu e moda pantaneira com linguagens e arranjos contemporâneos. Um dos pontos altos é a releitura de *Terra*, clássico do grupo Tambo do Bando, lançado em 1990. A canção adquire um contorno profético e emocionante no contexto recente, ao tratar a crosta terrestre como “carne-viva” e propor um pedido humano de redenção e regeneração.

“Este espetáculo é um convite para as pessoas se engajarem e refletirem sobre a nossa cultura”, diz Clarissa. “O distanciamento que há, principalmente com as novas gerações, é muito ruim, porque isso permite com que outras pessoas definam como é ser um gaúcho, uma gaúcha”. Unindo sua pesquisa acadêmica de pós-doutorado (USP) e a criação

MÚSICA

O Sul-realismo que reinventa artisticamente a tradição gaúcha



Durante três dias, projeto multiartístico imaginado por Clarissa Ferreira movimenta o Teatro Túlio Piva

artística, a compositora traz como fio condutor de seu trabalho a crítica ao “gauchismo hegemônico”, que historicamente excluiu da tradição as contribuições dos povos originários, dos negros e das mulheres. “Não existe apenas um jeito certo de ser gaúcho”, resume Emily Borghetti, convidada do primeiro dia de espetáculos.

Estruturada como uma pe-

quena dramaturgia em três atos, a performance é uma construção que começa com um afeto antigo, segue para uma referência basilar da carreira da compositora e finaliza com as novas gerações. Na sexta, o espetáculo celebra a parceria de Clarissa com Emily Borghetti: a dançarina e performer nos presenteia com seu espetáculo de chula, dançando sob

o som das canções da compositora. Ao firmar os pés no tablado, Emily já revoluciona e reinventa as tradições: ocupa um espaço historicamente ‘proibido’ para mulheres.

“Eu aprendi a dançar chula com a minha mãe”, afirma. “Tantas outras mulheres antes de mim dançaram chula. Eu não estou inventando a roda. Então, temos

que fazer esse questionamento: quem pode falar sobre as tradições? Porque ela existe de uma maneira que muitas vezes não condiz com a realidade. Não é querer encontrar uma forma certa, é justamente questionar se exista uma.”

No sábado, é vez de Vitor Ramil dividir o palco com Clarissa, num encontro entre quem abriu caminho para pensar o território e quem hoje colhe essa semente e a projeta para o futuro. “Ele é uma referência no meu pensar o Rio Grande do Sul a partir de uma outra lente”, destaca Clarissa. “Esse show vai ser uma celebração de estarmos colocando o trabalho na rua. Ainda mais ao lado de quem me impulsionou neste caminho.”

Domingo, são as novas gerações que tomam a frente, mostrando que algumas sementes já florescem cedo. Entre dança e fusão de ritmos, Clarissa sobe ao palco ao lado de Yasmin Love y Las Sudakas e Rosa Nika & Musa, misturando milongas, candombes, maracatus e arranjos eletrônicos remixados em novos corpos, ritmos e tempos. “A grande maioria dessas artistas são mais jovens que eu. Estão pensando essa nova geração que vem trazendo também a tradição com mais leveza”, celebra.

Os impactos climáticos e as transformações de paisagens que nosso Estado vem sofrendo nos últimos tempos também motivaram Clarissa a pensar o que da cultura gaúcha deve permanecer de pé e o que pode ser replantado. Fugindo do tom distópico, ela vê o futuro como um horizonte de possibilidades, semeando agora o que germina num mundo melhor. “Quero pensar um futuro não-apocalíptico para o Rio Grande do Sul. Mas sim em algo real que pode vir a acontecer a partir da imaginação, dos caminhos, das escolhas que a gente tem como indivíduo e como sociedade”

Em um espetáculo que pinta, a partir de um sonho coletivo, uma nova realidade, o desejo de Clarissa é que o surrealismo perca o prefixo, fazendo nascer novas possibilidades deste chão tão disputado. “Fico muito feliz de conseguir colocar as pessoas para conversarem sobre o nosso Estado”, celebra Clarissa. “É isso que eu quero com o meu trabalho, tanto com os vídeos e as pesquisas, quanto com a música: que as pessoas falem sobre isso. Falem e discordem, mas que falem. Quando a coisa é pensada e falada, a gente consegue deixar ela viva.”